

The background features a stylized cityscape with various buildings represented by blue and white grid patterns. A prominent building on the left is a tall, curved structure with a dense grid. Other buildings are scattered around it, some with different grid patterns. The background is light blue with a network of thin lines and circular nodes, suggesting a digital or social network theme.

Ciências Sociais Aplicadas: Entendendo as Necessidades da Sociedade 2

**Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)**

Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)

Ciências Sociais Aplicadas: Entendendo as Necessidades da Sociedade 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C569	Ciências sociais aplicadas [recurso eletrônico] : entendendo as necessidades da sociedade 2 / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Ciências Sociais Aplicadas. Entendendo as Necessidades da Sociedade; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-424-5 DOI 10.22533/at.ed.245192506 1. Ciências sociais – Pesquisa – Brasil. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco. II. Série. CDD 301
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

No e-book “Ciências Sociais Aplicadas: Entendo as Necessidades da Sociedade”, apresentam-se artigos e pesquisas que mantêm relação com demandas da sociedade contemporânea, a partir de estudos realizados nas diferentes regiões do Brasil, representando a diversidade territorial, bem como, as singularidades e elementos que as conectam.

Apresentam-se ainda, três artigos em espanhol, sendo estes de cursos de graduação e pós graduação do Uruguai, México e Espanha e um em inglês do programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília. Tais artigos mostram-se pertinentes e contribuem para as discussões e análises que são apresentadas aos leitores a partir do campo das Ciências Sociais Aplicadas.

São ao todo cinquenta artigos divididos em dois volumes. Os artigos foram organizados em seis seções, conforme segue: **Tecnologia e Comunicação**, sendo esta a primeira seção, em que são abordadas as relações existentes entre a tecnologia e a comunicação com os processos de trabalho, políticas públicas, inovação nos processos de gestão e de conhecimento; O **Comportamento Organizacional**, título que nomeia a segunda seção, apresenta-se de maneira expressiva nos artigos que também tematizam os processos decisórios e de gestão de conhecimento no setor empresarial, com valorização do capital humano e da função social das empresas; **Cidadania e Políticas Públicas**, aborda pesquisas realizadas entorno das políticas de saúde, de atendimento às crianças e adolescentes, da educação, da questão agrária, da segurança pública e das políticas tributárias na lógica de cidadania e garantia de direitos; **Estado e Sociedade**, aborda as relações estabelecidas entre estes, apontando para a importância e impacto dos movimentos sociais para a definição de pautas que contemplem os diferentes interesses existentes na sociedade de classes; *Os artigos que compõem a seção Trabalho e Relações Sociais* debatem o grau de satisfação de acesso ao trabalho em um contexto de terceirização e precarização das relações estabelecidas através deste e por fim, em **Estudos Epistemológicos** apresentam-se dois artigos que analisam perspectivas diferentes do processo de construção do conhecimento.

Os artigos apresentam pesquisas de envergadura teórica, as seções mantêm articulação entre si e contribuem para a divulgação e visibilidade de estudos e pesquisas voltadas para as necessidades e desafios postos para vida em sociedade no atual contexto social, econômico e político.

Luciana Pavowski Franco Silvestre

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A INTERNAÇÃO E O ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL COMO DESAFIOS NO ATENDIMENTO EM SAÚDE MENTAL À POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA	
Rayoni Ralfh Silva Pereira Salgado Marta Fuentes-Rojas	
DOI 10.22533/at.ed.2451925061	
CAPÍTULO 2	14
INFORMAÇÃO AOS USUÁRIOS E ACOMPANHANTES SOBRE OS SEUS DIREITOS E DEVERES E OS SERVIÇOS OFERECIDOS DENTRO DA UNIDADE DE PRONTO ATENDIMENTO	
Lavinha Soares Santos	
DOI 10.22533/at.ed.2451925062	
CAPÍTULO 3	18
CONSIDERAÇÕES SOBRE A QUESTÃO AGRÁRIA NO BRASIL: UMA MANIFESTAÇÃO DA “QUESTÃO SOCIAL”	
Monica Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.2451925063	
CAPÍTULO 4	29
ESTUDO DE CASO SOBRE A COMUNICAÇÃO GOVERNAMENTAL RELATIVA À CRIAÇÃO DO MINISTÉRIO DA FELICIDADE DO DUBAI E DOS EMIRADOS ÁRABES UNIDOS	
Diamantino Ribeiro Jorge Remondes António Pedro Costa	
DOI 10.22533/at.ed.2451925064	
CAPÍTULO 5	45
A RELAÇÃO ENTRE A COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA E A MEDIAÇÃO DE CONFLITOS	
Carolina Portella Pellegrini Simone Régio dos Santos Zaionara Goreti Rodrigues de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.2451925065	
CAPÍTULO 6	58
O DIREITO PENAL DO INIMIGO À LUZ DO GARANTISMO PENAL	
Mariana Hazt Lencina Cândida Joelma Leopoldino	
DOI 10.22533/at.ed.2451925066	
CAPÍTULO 7	74
DO CÓDIGO DE NUREMBERG AO CÓDIGO DE ÉTICA MÉDICA BRASILEIRO: O PRINCÍPIO DO CONSENTIMENTO INFORMADO E A CONDUTA ÉTICA MÉDICA PELOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG	
Gilberto Leonello Carolina Corrêa Soares Natália Ongaratto da Rosa Stéfani Wontroba Bandeira	
DOI 10.22533/at.ed.2451925067	

CAPÍTULO 8	84
DISPOSICIONES Y POLITICIDAD EN LA CO-CONSTRUCCIÓN DE NARRATIVAS BIOGRÁFICAS: EL TRABAJO DE LA REFLEXIVIDAD	
Mabela Ruiz Barbot	
DOI 10.22533/at.ed.2451925068	
CAPÍTULO 9	96
GERENCIALISMO: A RESPOSTA NEOLIBERAL PARA A GESTÃO DAS POLÍTICAS SOCIAIS	
Evandro Alves Barbosa Filho	
Maria Izabel Rêgo Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.2451925069	
CAPÍTULO 10	110
ESTUDO ESTATÍSTICO DA QUANTIDADE DE CONTRIBUINTES QUE DECLARARAM O IMPOSTO DE RENDA NO PERÍODO DE 2012 A 2015	
Cristian Carlos da Silva Coelho	
Gabriel Ribeiro de Abreu	
Arlane Lopes Chaves	
Luana Sousa Almeida	
Lilane de Araújo Mendes Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.24519250610	
CAPÍTULO 11	124
OS BENEFÍCIOS DA GESTÃO TRIBUTÁRIA NA GERAÇÃO DE INFORMAÇÕES FISCAIS	
Thaynara Keila Oliveira	
Jerson Krack	
DOI 10.22533/at.ed.24519250611	
CAPÍTULO 12	140
ESTADO E SOCIEDADE CIVIL NO BRASIL NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX	
Marclin Felix Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.24519250612	
CAPÍTULO 13	151
REDES SOCIAIS E MOBILIZAÇÕES PÚBLICAS. O MOVIMENTO DE “15 DE SETEMBRO” EM PORTUGAL	
Isabel Babo	
Célia Taborda Silva	
DOI 10.22533/at.ed.24519250613	
CAPÍTULO 14	166
REPENSANDO A PERCEPÇÃO DA VELHICE ALIADA À DISCUSSÃO DE CLASSE E HEGEMONIA	
Juliana de A. F Doronin	
Giovanna de Aquino Fonseca Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.24519250614	

CAPÍTULO 15	174
LAVA JATO E SEU IMPACTO NA RENTABILIDADE DAS ESTATAIS BRASILEIRAS	
Elisandra Bochi Turra	
Sandra Maria Coltre	
Gilmar Ribeiro de Mello	
Lirane Elize Defante Ferretto de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.24519250615	
CAPÍTULO 16	190
MULTILATERALISM AND NATIONALISM IN THE 21 ST CENTURY: CONSEQUENCES TO GLOBALIZATION FROM THE SUSTAINABLE DEVELOPMENT PERSPECTIVE	
Hugo do Valle Mendes	
Juliano Vargas	
Joanilio Rodolpho Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.24519250616	
CAPÍTULO 17	209
SATISFAÇÃO NO TRABALHO: UMA ANÁLISE TEÓRICA	
Joseane da Silva Rodrigues	
Darliane Ribeiro Caldas	
Rochele Kaline Reis de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.24519250617	
CAPÍTULO 18	220
A PESSOA COM DEFICIÊNCIA E O TRABALHO: ESTUDO DE CASO COM JOVENS DEFICIENTES INTELLECTUAIS E A PERSPECTIVA DE INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO	
Carmelinda Parizzi	
DOI 10.22533/at.ed.24519250618	
CAPÍTULO 19	232
ANÁLISE DO CENÁRIO DO TRABALHO MANUAL NO CORTE DE CANA-DE-AÇÚCAR, A TERCEIRIZAÇÃO DA MÃO DE OBRA E A PRECARIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DE TRABALHO	
Pedro Afonso Martini Dreyer	
Liliane Vieira Martins Leal	
DOI 10.22533/at.ed.24519250619	
CAPÍTULO 20	245
AVALIAÇÃO DOS PARÂMETROS CORPORAIS DE ZELADORAS DE UMA UNIVERSIDADE ESTADUAL NO PARANÁ	
Marina Daros Massarollo	
Francieli do Rocio de Campos	
DOI 10.22533/at.ed.24519250620	
CAPÍTULO 21	249
DINÂMICA DO EMPREGO FORMAL NO SETOR PRODUTOR DE SOJA NO ESTADO DE MATO GROSSO NO ANO DE 2017	
Erico Souza Costa	
João Gabriel Pagnan Zanette	
Mayara Pereira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.24519250621	

CAPÍTULO 22	260
ECONOMIA SOLIDÁRIA E COOPERATIVISMO: FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NA COOPERATIVA MISTA DOS PRODUTORES RURAIS DO PROJETO DE ASSENTAMENTO TARUMÃ MIRIM (MANAUS-AM)	
Michele Lins Aracaty e Silva Epaminondas da Silva Dourado	
DOI 10.22533/at.ed.24519250622	
CAPÍTULO 23	276
FIART: UM ESTUDO DA FEIRA INTERNACIONAL DE ARTESANATO COMO ATRATIVO DE PROMOÇÃO DA CULTURA POTIGUAR	
Fernanda Louise de Brito Gonçalves Layanna Pinheiro da Silva Maria Rafaella Marques de Paiva Patrícia Daliany Araújo do Amaral	
DOI 10.22533/at.ed.24519250623	
CAPÍTULO 24	284
COMO SE PLANIFICAM, TRATAM, ANALISAM E INTERPRETAM NARRATIVAS ? A ABORDAGEM COMPREENSIVA-QUALITATIVA “PROCESSOS DE REQUALIFICAÇÃO SÓCIO-IDENTITÁRIA”	
Maria de Fátima Costa Toscano	
DOI 10.22533/at.ed.24519250624	
CAPÍTULO 25	298
QUALITATIVE EPISTEMOLOGY AND THE STUDY OF SUBJECTIVITY: ALTERNATIVE EPISTEMOLOGICAL PATHS IN QUALITATIVE RESEARCH	
Andressa Martins do Carmo de Oliveira Thamiris Caixeta	
DOI 10.22533/at.ed.24519250625	
CAPÍTULO 26	308
MODERNIDADE BRASILEIRA, DESIGUALDADES E SOFRIMENTO ÉTICO-POLÍTICO	
Rui Maia Diamantino Raimundo Mentor de Melo Fortes Filho	
DOI 10.22533/at.ed.24519250626	
SOBRE A ORGANIZADORA	332

DISPOSICIONES Y POLITICIDAD EN LA CO-CONSTRUCCIÓN DE NARRATIVAS BIOGRÁFICAS: EL TRABAJO DE LA REFLEXIVIDAD

Mabela Ruiz Barbot

Facultad de Psicología, Universidad de la
República Oriental del Uruguay
Montevideo-Uruguay

Uruguay.

RESUMEN: Esta presentación compone una discusión teórica-metodológica relativa a la experiencia de campo de mi tesis de doctorado Narrativas biográficas: condiciones de existencia y lugares sociales de los y las jóvenes en el contexto uruguayo. En base al análisis de la situación de entrevista en la co-construcción de las narrativas biográficas: mis posiciones como investigadora y la disposición de los jóvenes hacia el relato de sus vidas, es que organizo esta discusión. Las narrativas constituyeron una experiencia para los jóvenes. Ellos se situaron en un tiempo y espacio narrativo de apertura, clausura, sorpresas, incertezas, giros inesperados, incomodidades, saberes, soberbia y humildad. En ese tiempo y espacio construyeron la relación con la investigación, la situación de entrevista. Disposición a la confianza y politicidad la caracterizaron. La construcción narrativa es un acontecimiento que reclama una ineludible contextualización, historización y politización. Involucra, necesariamente, el trabajo de la reflexividad.

PALABRAS CLAVES: narrativas biográficas; situación de entrevista; reflexividad; jóvenes;

ABSTRACT: This presentation is part of a theoretical-methodological discussion related to the field experience of my doctoral thesis Biographical narratives: conditions of existence and social places of young people in the Uruguayan context. I organize this discussion based on the analysis of the interview situation in the co-construction of the biographical narratives: my positions as a researcher and the disposition of young people towards the story of their lives. The narratives were an experience for the young. They were placed in a narrative time and space of opening, closure, surprises, uncertainties, unexpected turns, discomforts, knowledge, arrogance and self-effacement. In such time and space, they built the relationship with the research, the interview situation. It was characterized by willingness to trust and politicity. The narrative construction is an event that demands an unavoidable contextualization, historization and politicization. It necessarily involves the work of reflexivity.

KEYWORDS: Biographical narratives; interview situation; reflexivity; youth; Uruguay.

1 | INTRODUCCIÓN

Esta presentación intenta componer una discusión teórico-metodológica desde la

experiencia de campo de mi tesis de doctorado: *Narrativas biográficas: condiciones de existencia y lugares sociales de los y las jóvenes en el contexto uruguayo*, (2015). En dicha tesis me pregunto por los significados que las personas de entre 18 y 24 años construyen respecto de «lo juvenil» y «lo adulto» y en relación con el conjunto social. ¿Cómo narran su lugar social jóvenes montevideanos de ambos sexos y de distintos sectores sociales? El lugar social lo entiendo como el espacio de las experiencias vitales desde las cuales los y las jóvenes construyen el sentido o la ausencia de sentido del sí mismo como joven y de cómo se ven en la vida adulta. Aquello que les pasó y les pasa en el campo socio-histórico y existencial. Lugar social, simbólico, que comparten con otros desde las condiciones de existencia, el tiempo vivido con esos otros y en la construcción de lazos sociales. La discusión teórica-metodológica, entonces, la organizo en base al análisis de la situación de entrevista en la co-construcción de las narrativas biográficas de jóvenes, de entre 18 a 24 años de edad, en situación de inclusión y exclusión social.

Notas de campo u observación etnográfica sobre la situación de entrevista complementaron los dos tipos de entrevistas desarrollados en más de un encuentro: entrevistas individuales en profundidad (relatos biográficos orales) y entrevistas grupales sustentadas en técnicas expresivas y evocativas (relatos escritos y orales basado en un trabajo con imágenes y canciones). Registré y describí el escenario de interacción entrevistadora-entrevistado, el entorno de la entrevista, accediendo a elementos del mismo que ayudaron a caracterizar situaciones singulares y sociales. A partir de estos registros, busco presentar el trabajo de la reflexividad que los encuentros narrativos desplegaron. Más específicamente, me pregunto cómo operan los sentimientos del investigado/a en la producción de conocimiento ante las disposiciones y politicidad de los sujetos de la investigación.

Poner en obra lo que se siente en una entrevista es dar lugar a un proceso reflexivo del investigador, que a su vez, incorpora la reflexividad de los sujetos en estudio. Involucra “la conciencia del investigador sobre su persona y los condicionamientos sociales y políticos” de los que es producto así como de su posición en el campo académico. Implica, también, la alteración o perturbación de sí mientras investiga, un trabajo sobre sí mismo desde lo que siente y vive al interactuar con otros. En el trabajo sobre mi misma en relación con otros como investigadora, es que focalizo esta presentación. Y ese trabajo sobre mi misma dará cuenta de la lógica práctica de los sujetos de la investigación, la reflexividad de esos otros (Guber, 2001). En este caso, los jóvenes uruguayos.

Así, la relación investigadora-sujetos de la investigación permitió la emergencia de lógicas prácticas singulares y diversas de los propios jóvenes. Diferenciaciones etarias, posiciones de clase y conflictos de género entre quien investigaba y esos otros fueron delimitando los lugares sociales de los jóvenes. ¿Diferenciaciones emergentes de sentimientos que provocan la reflexión del investigador/a?

2 | DISPOSICIÓN A LA CONFIANZA E INQUIETUD, LAS SITUACIONES DE ENTREVISTA

2.1 De los sujetos de investigación

El lugar de los sujetos de la investigación en la situación de entrevista individual en profundidad, lo podría caracterizar como de <disposición a la confianza> dándose variaciones en este acontecer. Cada historia personal, institucional, política y social, incidió en el posicionamiento del entrevistado a la conversación.

Unos se presentaron desde la curiosidad, la ingenuidad y la intriga. Curiosidad hacia la temática de la investigación o propiamente, por conocer una investigación desde adentro (participando) y sus resultados. Intriga, quizás, hacia querer conocer <eso> que se estaba haciendo sobre la gente de su edad. Curiosidad de saber, conocer, expandirse. Curiosidad que se instaló hacia y en una apertura paulatina. Por lo general, era el segundo encuentro de entrevista lo que daba la pauta de esta apertura. La forma de hablar, de relacionarse con la investigadora —el uso de palabrotas o un lenguaje propio a sus vidas, el compartir lo escrito en un mensuario, el contacto físico como tocarme un brazo durante la conversación— daban señales de acercamiento, de búsqueda de confianza. También, el posicionamiento de los cuerpos durante el diálogo marcaba la distensión o aflojamiento que se iba produciendo, ya desde el primer encuentro. A dos de las mujeres jóvenes entrevistadas, en un momento, las observo y estaban sentadas en posición de buda, contando cosas de sus vidas. Por otra parte, mi cuerpo acompañaba las expresiones corporales de ellas. En una de las situaciones de entrevista, me siento que estoy sumamente distendida, con las piernas arrolladas arriba del sillón, escuchando con asombro y fascinación lo que la joven venía diciendo. En otra, inclinada hacia la entrevistada, me doy cuenta que sigo enigmáticamente su discurso. Además, parecería que construimos ritos de entrevistas. De un encuentro a otro ocupábamos, entrevistadora y entrevistado/a, exactamente los mismos lugares en el espacio de la casa u oficina habilitado para la entrevista. La misma ubicación en un sillón o en torno a una mesa o un escritorio. En varias entrevistas, perdí la noción del tiempo; es decir, fluyó sin controlarlo ni siquiera pensarlo.

En otros casos, la pasión que expresaban los entrevistados a través de sus palabras y gestos corporales sobre momentos de sus vidas o lo que estaban contando, el gusto con sus propias vidas hacía que la confianza y amabilidad se desplegaran e instalaran. Como entrevistadora, ese ímpetu me llegaba y llevaba hacia el diálogo; y desde allí, se construía confianza y fluidez conversacional.

Por otra parte, algunos de los jóvenes entrevistados se posicionaban desde una horizontalidad que me hacían perder mi sentimiento de <vejez>, las diferencias de edades parecía que se diluían, aunque estaban presentes. La naturalidad, espontaneidad o llaneza en que dibujaban el encuentro, me hablaba de un supuesto trato hacia el otro sin intermediación de las edades o de un como si no hubiera edades.

En otros, la apertura o disposición a la confianza, pienso que partía de un deseo de re-afirmación del sí mismo que estaban construyendo o de-construyendo, de pensar con otro su ser, hacer, sentir y/o estar en el mundo. Verse en otro, de otra edad, entre otras. Ese deseo de construcción o re-afirmación de sí, junto a la ingenuidad que en algún caso lo acompañaba, operaban también como facilitadores del encuentro (un querer conocerse y reconocerse <sabiendo si contestaban bien o mal>, desde la candidez).

Otras disposiciones de apertura hacia la entrevista, creo que partían de una necesidad narcisista de contarse a sí mismo, de mostrarse al otro, conocerse y reconocerse en una entrevista y su desafío. En contar con el relato de su vida en un futuro, desde sí mismo y para los otros desde un lugar político partidario. Una necesidad de contar y contarse en un espejo, de construir su personaje.

Entre otros objetos, los símbolos de una habitación destinada de antemano y especialmente al encuentro, una jarra de agua y vasos dispuestos en la mesa o un café o un mate preparado junto a bizcochos, galletitas, plantillas, etc., esperándome, ponían sobre la mesa una disposición de apertura y búsqueda de calidez en la entrevista. Asimismo, previo al encuentro, los mails tanto de Facebook como del correo electrónico de los entrevistados, a partir de una comunicación mía previa, daban cuenta de una confianza a entretener.

Si bien se produjeron ambientes dialógicos, de confianza y apertura, en los inicios de los encuentros había cierta tensión por lo que iba a venir... lo desconocido.

En algún encuentro, lo que sobresale es un ambiente de cordialidad controlada donde las propias situaciones de entrevista (presencia de parientes, llamadas de celular, entrada de compañeros de trabajo) producen otros efectos en los narradores. Se entrecortan los diálogos por esas presencias. Interfieren, afectan, silencian. En otros, los familiares o amigos de los entrevistados se presentan en una discreción hacia el otro que se vislumbra en un cerrar las puertas, en ofrecer café y retirarse, etc.

Sin embargo, algunas entrevistas situaban al entrevistado en una disposición diferente: un trámite a cumplir, una cortesía inquietante o paradójicamente, un interés huidizo. Algo los llevó a acceder y la entrevista se desplegó en una situación de amabilidad y disposición atenta a la vez que, inquieta. Se palpaba, por momentos, un ambiente de cierta incomodidad por la pregunta que podría venir o por el relato que se estaba contando. Lo inesperado del sí mismo se desplegaba en la narrativa, llevando al entrevistado a su propio asombro. Las propias palabras del entrevistado discurrían hacia algo del entorno del secreto o lo no dicho o hablado anteriormente; y ello, disparaba un aparente deseo de finalizar la conversación, huir... a la vez que y conflictivamente, interés en lo que emergía del sí mismo, desde un gesto de extrañeza e interrogación sobre sí. Transitaban por momentos en un <enganche> con la entrevista; en otros, contra-transferencialmente se sentía la pretensión de huida. El deseo de tramitar el encuentro, finalizarlo. Y luego, un parar este deseo y pensar, que se manifestaba tanto en la forma de la conversación que continuaba como ante la

pregunta de cómo se sintieron durante la entrevista.

Lo dice al pasar, yo lo retomo, pero como que quiere seguir en otros temas, pasa rápido. Siento como que es algo medio oculto en la historia familiar (...) tiene cierto apuro en terminar la entrevista, la sensación de escapar de la misma -Nota de campo (refiere a observación etnográfica de la situación de entrevista, al igual que las citas de diversos párrafos que cerrarán con las palabras: Nota de campo)-.

Inhibiciones, dificultades para contar su vida a esa otra desconocida, trabas momentáneas, aspectos impensados de sus vidas o de la vida de sus otros y/o el establecimiento de distancias, estuvieron también presentes en los encuentros. Se producían quiebres o cortes del discurso, se quedaban pensando o no podían pensar alguna temática o hecho. De las notas de campo, surge:

Algunos temas la movilizaban, aunque se presentaba como si las cosas no la movilizaran y la movilizaran, en su doble juego. Cuando algo de lo que conversábamos no le cerraba, por lo general, miraba al principio para el costado y prendía un cigarrillo. Luego me miraba y empezaba a relatar. Y por momentos, parecía que se iba a poner a llorar. Pero no lo hacía -Nota de campo-.

Le gusta hablar, está abierto a sorprenderse y dejar que lo sorprendan las temáticas. Al final de la entrevista dice que quedó agotado, que no pensaba que lo iba a hacer pensar tanto -Nota de campo-.

En otros encuentros, la disposición del entrevistado hacia su propia vida delimitaba un tiempo breve de apertura hacia la entrevista y clausuras de experiencias a relatar. La vivencia de la vida como aburrida o normal o poco interesante o incambiada o las cosas son así, marcaban ritmos de conversación entrecortados o hasta una conversación sin sentido por parte de él o ella: <contar la propia vida>.

2.2 De mi lugar como investigadora

Desde mi lugar como investigadora, viví las entrevistas en un continuo que fue desde el temor al fracaso a la responsabilidad ante el otro en la situación narrativa. También, en una disposición a la construcción de confianza. En el inicio de cada entrevista me descubría pensando que el diálogo iba a ser corto, conciso, insuficiente, que la persona no se iba a implicar. Luego, por lo general, la conversación se desplegaba en un tiempo inadvertido.

La construcción de la confianza creo que estuvo sustentada en que el entrevistado eligiera su camino en la narración. En romper la linealidad de una entrevista, causando incerteza o sorpresa en el otro; al mismo tiempo que, producía otro involucramiento. Si bien partía de la misma consigna inicial, seguí el guión elaborado según el interés del entrevistado o a partir de su disposición ante la entrevista veía la ruta a construir con él o ella. Alguno presentaba su deseo de conversar sobre su recorrido laboral; otro, sobre su recorrido educativo; otros, sobre su acción política; otros, sobre sus relaciones o amigos/as. Dejar que ellos eligieran su camino, dar lugar a verbalizaciones prolongadas, acompañar sus caminos de pensamiento y habla para volver desde allí a las pautas del guión fue la estrategia transitada, ya planificada desde

antes del campo (Guber, 2001). Ir y venir sobre el guión a medida que se iba dando la narración. Construcción que implicó el despliegue de relaciones politizadas, que el otro dijera que no me iba a contar algo porque involucraba una <causa política> o que, como ya mencionara, nunca lo había pensado o no sabía. Posibilitó un encuentro politizado.

Entrevistas sentidas desde mi lugar como conversaciones, abiertas, fluidas y tensas, experienciales. Y de recuperación de mi memoria joven. Pasaron a ser experiencias e instancias de *construcción política de confianza*. Construcción de confianza que no se desplegó ingenuamente, estuvo atravesada por tensiones y relaciones inter-etarias, genéricas, de clase. No supuso que la situación de entrevista recuperó la voz de los jóvenes o repuso ingenuamente sus expresiones. La voz y la confianza se construyeron en un contexto relacional e institucional, y al decir de Llobet (2011) se construyeron en <interacciones conflictivas atravesadas por diferencias encarnadas en los propios sujetos en situación –entrevistadora/entrevistado->.

Asimismo, las situaciones me llevaron a reflexionar, más de una vez, en el cuidado de ese sujeto entrevistado. Salir de aquella visión durkeimniana de trabajar con los hechos sociales como si fueran cosas o como enseñara un colega ver al otro como un bicho cuando investigo. Aquí me aparto, siento y me pongo a pensar en ese otro sujeto-humano al cual entrevisto. Y, entonces, traigo preguntas que la situación de entrevista produce en quien investiga cuando nos encontramos con alguien que sufre, padece y/o se repliega sobre sí mismo.

¿Cómo conversar, desde la investigación, con una persona que ha pasado y/o padecido intentos de suicidio, rupturas de vínculos y encierro en su casa, la depresión crónica de un familiar?

¿Cómo trabajar desde el lugar de investigadora reconociendo lo que se siente durante la entrevista?

¿Cómo objetivar sentimientos?

Así, desde mi lugar de investigadora, puse en juego y en el campo, mis sentimientos en la situación de entrevista, el sentir y corporizar: temores y tristeza, lástima y alivio, espanto y desconsuelo, el dejarlos fluir en situación y al retirarme de dicha situación, sabiendo que han sido parte de la tesis. También el enigma de buscar comprender al otro/a, la fascinación de escuchar un discurso apasionado, el gusto por sentir nuevas voces, la tensión en el despliegue del diálogo, el asombro frente a una experiencia vital, el placer de compartir risas durante la entrevista y el amor a la vida, impactaron en mi cuerpo y pensamientos durante las entrevistas. De igual modo, lo hicieron los dolores de la vida.

<Manejarlos> implicó, algunas veces, dejar pasar un tema. Oírlo, reconocerlo y dejar que las palabras del otro fluyeran sin retomarlas. Acompañar el discurso desde los gestos, sin preguntas ni palabras. Respetar al otro en su dolor, desde el silencio. Acompañar desde una palabra comprensiva, que retoma su discurso sin invadir su intimidad, sin ser inquisidor. Dejar fluir las palabras de ese otro, sentir tristeza junto a

él o ella. Sentir incomodidad conmigo misma por incomodar. Y sentirme incómoda por sentir miedo, ante una mirada o la rigidez corporal del otro/a. Dejar que cosquillee en mí la violencia contenida de ese otro, palpar también mi violencia de no reconocimiento de las diferencias. Mis errores en las entrevistas. Notar luego que, inconscientemente, mi posición de clase o de género alteró una conversación. Permitirme ser tocada internamente por el aburrimiento del otro con su propia vida y reflexionar sobre ese como si no le pasara nada vital.

Dejar que el cansancio o aburrimiento me tomaran en la entrevista para darme cuenta de la centralidad en el sí mismo de ese otro. Dejar que el otro expresara su ingenuidad para darme cuenta de la búsqueda de una construcción o re-afirmación de sí. Observar su gestualidad para darme cuenta de mi incompreensión clasista o genérica. Sentir las diferencias como investigadora, mujer y adulta, pensarlas in situ y buscar el re-enganche para continuar la entrevista. Escuchar los conflictos, la pasión, el amor y el dolor del otro para observar las variaciones significativas de experiencias vitales y condiciones existenciales. Y, por qué no, sostenerlo o actuar como soporte de ese sí mismo, en momentos de la entrevista.

Objetivar la subjetividad, construir la objetividad con el otro o entre las subjetividades puestas en juego en la situación narrativa.

3 | GRUPALIDAD Y ACATAMIENTO POLITIZADO, LAS SITUACIONES DE ENTREVISTA GRUPAL

Si en las entrevistas individuales en profundidad hablé que la disposición a la confianza enmarcaba el despliegue de la situación conversacional; la situación de entrevista grupal se enmarcó en el despliegue de un acatamiento politizado -entendido como oxímoron-. Aquí, pienso y re-trabajo el concepto de acatamiento paródico (el cuestionamiento de la legitimidad del mandato a través de la parodia), que trabaja Gatti (2008) poniéndolo en diálogo con la argumentación de Elizalde (2008). Ella plantea que en una entrevista se producen procesos de <intersección e influencia desigual entre diferencias encarnadas en sujetos concretos>, relaciones de control y resistencia, y que ninguna experiencia puede ser despojada de politicidad. Especialmente, las que se construyen desde <aparentemente previsibles posiciones de investigadores>. Las narrativas son <siempre material de disputa, abierto y en tensión con las formas en que reconocemos y se reconoce la experiencia de narrar científicamente a los otros> (Elizalde, 2008).

3.1 Los grupos con jóvenes en situación de inclusión social

La disposición a la participación en las entrevistas grupales se entrelazó de distintas formas, de acuerdo a curiosidades, al tipo de grupo (mixto o por sexo) y/o tipo de convocatoria. Estar ellos mismos aprendiendo a investigar en sus carreras

universitarias, estar formándose en tutorías universitarias, estar formándose en la educación técnico/profesional. Conformación del grupo, únicamente por varones o por mujeres; o conjuntamente, por varones y mujeres. Consignándose la entrega de una atención o presente en agradecimiento por participar.

En el primer encuentro les presento imágenes de varones y mujeres de distintas y variadas edades, condiciones y situaciones de vida, consignando que elijan dos: una de una persona adulta, otra de una persona joven. La puesta en juego de imágenes actúa como disparador de apertura e implicación en la entrevista grupal. El despliegue de las mismas sobre una mesa opera quebrando tensiones, desestructurando a los participantes. Los entrevistados al inicio no saben qué hacer, se miran y miran, revuelven, entreveran, agarran una imagen, la dejan, toman otra. Se paran, se sientan, se ríen entre ellos, hacen comentarios sobre lo que ven en las imágenes. Acaparan una para que el otro del grupo no se la quite, comparten una poniéndola en el medio de la mesa. Dudan si elegir una u otra; al fin resuelven cuál seleccionar desde tiempos desiguales posibles. Aparentemente, no son sólo las identificaciones con las imágenes lo que actúa en la elección de las mismas sino que la impronta de las diferencias de clase o de género, también opera (por ejemplo, imágenes tales como un padre con un niño en la espalda, un vendedor callejero, un chico en el basural son elegidas por las mujeres universitarias de un grupo mixto). O más bien, las identificaciones dialogan con las diferencias, diluyéndose en un grupo las imágenes de los adultos.

Lo que los toma de sorpresa y quizás, rompe la desestructuración producida ante la selección de imágenes, es la escritura del relato en torno a lo que ven en las imágenes. Escribir sobre lo que ven en las mismas aparece como un repecho a subir, aunque no en todos los grupos. Alguno es más disciplinado que otro, acata la norma. Es así que en algún grupo, ante la escritura y antes de desplegarla, hablan entre ellos, piensan, no saben por dónde arrancar, preguntan varias veces la consigna, transfieren ganas de irse. Hasta que en un momento hacen silencio y empiezan a escribir. Miran una imagen, luego otra, van escribiendo. Elaboran relatos escritos sobre dichas imágenes.

El inicio del intercambio oral-grupal dinamiza, nuevamente, el encuentro. Si bien en un primer momento, cuentan tímidamente o desde un supuesto deber ser lo que ven en las imágenes o hablan desde un vocabulario disciplinario, con palabras técnicas o racionalizando; luego, se enganchan (con la diversidad, los espacios y grupos jóvenes, las diferencias inter-generacionales, la familia, la sexualidad, la heterosexualidad y homosexualidad), habla cada uno, discuten entre ellos, dan visiones distintas, traen un lenguaje cotidiano, acuerdan cosas. Otras, las dejan bosquejadas o con un signo de interrogación. Por instantes, la conversación es muy dinámica, siento que hablan, hablan y no paran. Ni siquiera me miran, parece que yo no estuviera. Van contando, relatando lo que ven, las semejanzas con ellos, lo que piensan sobre los varones, sobre las mujeres de su edad, sobre la gente de otra edad, etc. Hablan mirándose entre ellos, escuchando lo que dice el otro y luego, dando su perspectiva o confrontando. Las

disciplinas académicas de las que algunos forman parte, creo que también marcan sus discursos y debates sobre la temática. A su vez, en el grupo actúan las singularidades. Alguno presta más atención a lo que dicen los otros y luego interviene para aportar una mirada no dicha, punzante, rupturista, provocadora o resistente. Otro, más tímido, aporta algo conciso, crítico y puntual. Otro siendo referente del grupo, busca guiar y/o enderezar al otro joven, etc.

En algún grupo comen bizcochos, sobre todo, cuando alguna intervención mía los sorprende, y toman mate.

Las entrevistas desarrollaron un entorno habilitador del relato oral y coral: “Antonio al terminar el encuentro, se asombra de sí mismo diciendo que habló cosas que no pensaba las iba a hablar -cosas que no tendría que haber dicho” -Nota de campo-.

Al segundo encuentro grupal, traen las letras de distintas canciones a compartir. Canciones que escuchan habitualmente, las traen impresas o las imprimen delante mío al encontrarnos. Mientras conversan entre ellos sobre las mismas, saben lo que escucha el otro, cantan, comentan que les encanta la música y <re-copa> buscar canciones. En otro grupo, traen sus XO —laptop proporcionadas por el Estado— y pasan los videoclips. Las canciones habilitarán encuentros de diálogo abierto, a los cuales van trayendo sus formas de vivir, relacionarse y pensarse, sus pérdidas y añoranzas, críticas a la sociedad en que viven, hablando más entre ellos que conmigo.

En uno de los grupos, algunas veces se miran como diciendo: hablamos o no hablamos, se conocen, conocen a la otra y se miran entre ellas para ver hasta dónde va cada una; además de mirarme a mí. Cuando una de ellas está hablando sobre el amor, otra me hace una guiñada como para que la hiciera hablar más. Hay un nivel de complicidad conmigo para que anime a la otra (sea quien sea) que está hablando, a profundizar en lo que dice. Y mientras, la cómplice se sonríe -Nota de campo-.

Hacen que la otra diga lo que no ha dicho. Los niveles de involucramiento se amplían. Desde mi lugar de investigadora, al trabajar internamente mis diferencias con ellos de un encuentro a otro, vuelvo al siguiente encuentro con una disposición abierta a la escucha de eso diferente, a escuchar lo que no entiendo, a oír el mundo en que andan.

3.2 Los grupos con jóvenes en situación de exclusión social

Las entrevistas grupales con jóvenes de los márgenes, las viví desde un relacionamiento diferente. Un relacionamiento politizado, los jóvenes fueron mandatados a participar por la organización convocada. Vinieron, provocaron y se resistieron al mismo tiempo que produjeron. Ello me hizo pensar en mi lugar como investigadora, en la necesidad de revisar permanentemente las condiciones y los materiales de la argumentación que co-construimos en la narrativa, desde lugares organizacionales además de etarios, clasistas y genéricos.

¿Cómo construir la entrevista en un espacio de deconstrucción de los significados dominantes? ¿Cómo las categorías estigmatizantes son vividas por los jóvenes

concretos como una parte significativa de sus vidas?

Me ha llevado a pensar la entrevista como un espacio de surgimiento de una voluntad de resistencia. Pensar en el pasaje conflictivo de un yo avergonzado a un nosotros desafiante (Elizalde, 2008). Parecería que la entrevista grupal se despliega desde ese yo avergonzado a un nosotros desafiante; por momentos, paródico o politizado. No lo tengo claro. Parecería que no ocultan los estigmas sociales proyectados en ellos, las marcas con que otros sectores sociales los invisten. Al contrario, las multiplican (Gatti, 2008). Marcan su lugar de encuentro en grupos desde los estigmas. Desde éstos, traen las marcas de sus identidades (el alcohol, el <embarazo adolescente>, <el macho>, <la mujer sexualizada>). Se oponen, protestan, plantean si falta mucho, <se aburren> en la entrevista. La politizan.

Claudia no quería primero elegir las imágenes, luego las elige pero no escribe nada. Vanessa va a decir que Claudia tiene vergüenza. La sensación era que se querían ir. Protestaban todo el tiempo. Pablo parecía que tenía cierto interés o curiosidad en estar, pero luego le habló en tono agresivo a Jessica, le decía que era una <alzada>, y a la vez, quería contar cosas de su vida. Cuenta que vive con su abuela, que le gusta tomar whisky. Jessica me dice en un momento que está aburrida, ¿cuándo terminamos? Vanessa mira el papel con las pautas del guión y me dice: ¿todas esas preguntas vamos a contestar? Y hace gestos. Andrea y Claudia intervienen muy poco. La entrevista va a ser muy desordenada, con quejas permanentes de ellos. Todo el tiempo se están oponiendo a mí y resistiendo, pero por otra parte, siento que tienen para decir muchas cosas y que en el grupo no las pueden decir. Esto lo re-afirmo más al irme y volver a mi casa. Leo lo que escribieron. Vanessa cuenta la tristeza de su abuela y su situación actual personal, pero en el grupo, no lo contó. No dice que eligió a la mujer vieja llorando porque su abuela fue una luchadora como lo escribe. El grupo contiene la dispersión y revuelta. Por momentos, se enganchan con algo: Facebook o los padres; luego vuelven a decir que se quieren ir –Nota de campo–.

Participan re-afirmando el lugar que, imaginariamente, se construye en torno a ellos y me lo muestran. El lugar de los estigmas sociales, ser jóvenes de <la clase peligrosa> que refiere Castel (2004). Se posicionan allí, remarcando ese lugar simbólico en que, otros, los invisten. Lo parodian o cuestionan, resisten. Se posicionan allí interpelándome y dejando ver que es posible construir otra forma de organizarse socialmente. Así, transfieren que se sienten cómodos consigo mismos e incómodos conmigo.

La resistencia también se expresa en la escritura, en los relatos sobre las imágenes. Algunos relatos son escuetos, cuentan algo puntual. No obstante, al seleccionar las imágenes estos jóvenes dan cuenta de sus marcas, multiplicándolas o politizándolas (malabaristas, <planchas>).

La perplejidad me lleva a re-pensar la co-construcción de la narrativa en su ineludible contextualización, historización y politización (Scott, 1992). En la necesidad de explicitar el proceso de asignación de posiciones del sujeto, de quien investiga y de quien es construido como sujeto de la investigación. Situación de entrevista atravesada por el conflicto y la contradicción, dados los múltiples sentidos y sentimientos que como acontecimiento despliega así como la intersección de diferentes y desiguales

historias y geografías desde la que se produce (Elizalde, 2008).

4 | A MODO DE CIERRE

El registro de lo observado en la situación de entrevista junto a la mirada y modo de escucha durante la misma, posibilitó poner en obra la reflexividad (Bourdieu, Chamboredon y Passeron, 2004). Es decir, como investigadora dejarme asombrar por el otro, instalarme en la perplejidad junto a los sujetos de la investigación; reconocerme trabajando en y con las diferencias sociales, de género, etarias y en su entrecruzamiento. Dar cuenta de mi experiencia como investigadora relatando la interacción puesta en juego en cada situación narrativa, componer teóricamente las variaciones y tipos narrativos de los lugares sociales de los jóvenes, producir conocimiento integrando sus propias voces, las tensiones vividas en los encuentros, los sentimientos y emociones que no sólo como investigadora me abarcaron en cada uno de esos momentos. Investigadora inmersa en una cultura, en ciencias sociales y humanas, universitaria, mujer-abuela, con una pertenencia de clase media. Trabajar mi paridad con ellos y mi extranjería dado el mundo social fragmentado y/o polarizado que nos constituye (sujetos en situación de inclusión y exclusión social). Paridad y extranjería también relativa a los géneros (femineidades y masculinidades). Extranjería incuestionable a nivel generacional (jóvenes/adulta). Escuchar y reconocer el despertar de la extranjería del entrevistado consigo mismo, el asombro de sí. Reconocer su reflexividad y ponerla a operar en la investigación.

Fundamentalmente, me permitió pensar la co-construcción narrativa en:

- la imbricación de fuerzas opuestas, contradictorias, antagónicas, conflictivas, en fuga, cercanas y lejanas. En el despliegue de la politicidad, el cuestionamiento al poder de la ciencia, al adultocentrismo, a la hegemonía social. Pensar en la ineludible politización de la co-construcción narrativa y desde allí producir conocimiento.
- el desplazamiento de la reflexividad entendida como control en investigación cualitativa a un lugar pensado como el trabajo de la reflexividad. Es decir, un trabajo necesario de reconocimiento de nuestras emociones y sentimientos mientras investigamos y desde allí pensar, recuperar y agujerear teoría, interpelar y significar el campo en estudio desde sus sujetos-actores, escuchar los sentidos locales, enlazar y entrelazar los saberes de esos otros y la teoría, producir conocimiento. Vivir la investigación dejando que nos pasen cosas como investigadores, que la presencia del otro nos altere, que el rechazo del otro nos perturbe. Vivir la situación de entrevista como acontecimiento. Narrarla, interpretarla, teorizarla. Dar lugar al trabajo de la reflexividad, al reconocer para conocer.

Temor, tristeza, lástima, alivio, espanto y desconsuelo, diversión y placer, amor y dolor, vergüenza, pasión, aburrimiento, incomodidad, necesidad de huir, intriga, resistencia y rechazos, entre otros, se pusieron en juego en la situación narrativa. Fueron parte de la interacción investigadora-sujetos de la investigación. Aquellas

fuerzas opuestas, los sentimientos y emociones así como los cuerpos en sus expresiones y gestos se constituyeron en indicios para el análisis, vehicularon la producción de conocimiento. No necesitaron ser <domesticados> ni controlados. El trabajo de la reflexividad los incorporó como dimensiones propias a la metodología cualitativa de investigación social.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.C.; y PASSERO, J.C. **El oficio del sociólogo**. Buenos Aires, Argentina: Siglo XXI. 2004.

CASTEL, R. **La inseguridad social**. *¿Qué es estar protegido?* Buenos Aires, Argentina: Manantial. 2004.

ELIZALDE, S. Debates sobre la experiencia. Un recorrido por la teoría y la praxis feminista. **Revista Oficios Terrestres**, 23 (1), 18-30. 2008.

GATTI, G. **El detenido desaparecido**. Narrativas posibles para una catástrofe de la identidad. Montevideo, Uruguay: Trilce. 2008.

GUBER, R. **La etnografía**. *Método, campo y reflexividad*. Bogotá, Colombia: Grupo Editorial Norma. 2001.

LLOBET, V. Un mapeo preliminar de investigaciones sobre infancia y adolescencia en las ciencias sociales en Argentina desde mediados de la década de 1990. **KAIROS. Revista de Temas sociales**, 28 (1), 1-20. 2011

SCOTT, J. Experiencia. **Revista Hiparquía**, 10 (1), 59-83. 1992

SOBRE A ORGANIZADORA

LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2003), pós-graduação em Administração Pública pela Faculdade Padre João Bagozzi (2008) é Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2013), Doutora em Ciências Sociais Aplicadas pela UEPG. Assistente Social da Secretaria de Estado da Família e Desenvolvimento Social - Governo do Estado do Paraná, atualmente é chefe do Escritório Regional de Ponta Grossa da Secretaria de estado da Família e Desenvolvimento Social, membro da comissão regional de enfrentamento às violências contra crianças e adolescentes de Ponta Grossa. Atuando principalmente nos seguintes temas: criança e adolescente, medidas socioeducativas, serviços socioassistenciais, rede de proteção e política pública de assistência social.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-424-5



9 788572 474245